**Uma imagem com texto, póster, Cara humana, desenho

Descrição gerada automaticamente**

# **RITOS INICIAIS**

# **Saudação inicial**

# P. A graça e a paz do Senhor que é, que era e que vem, estejam convosco.

# Ou

# P. O Senhor, que vem salvar-nos, esteja convosco.

# Ou

# P. O Deus da esperança, que pela ação do Espírito Santo, nos alegra com a sua Paz, esteja convosco.

# R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

# **Monição inicial**

# P. “*Vamos com alegria. Vamos todos a Belém*”. Com este propósito, continuamos, com alegria, a percorrer o caminho desde o Advento até à Festa do Batismo do Senhor. Ao caminharmos, a passos largos para Belém, ao sentir já a intensidade e a proximidade da Luz do Natal, o nosso coração exulta de alegria no Senhor. A cor roxa abre-se ao cor-de-rosa, neste domingo, que nos reveste da alegria da salvação. Neste início da terceira semana do advento, o nosso propósito é viver a Alegria do Evangelho e a doce e reconfortante alegria de evangelizar.

# **Rito da Coroa do Advento**

# P. Acendamos agora a 3. ª vela da coroa do Advento, para que a intensidade da Luz que se aproxima, nos faça exultar de alegria, no Senhor, como João Batista e como Maria.

**Guifões**

Senhor,

acendemos esta 3.ª vela,

neste domingo da alegria.

Que a Tua luz incida

nas zonas mais escuras

do nosso coração e da nossa vida.

Devolve-nos o rosto luminoso da alegria.

O Teu Espírito Santo nos ilumine,

para que esta alegria resplandeça

e permaneça em todas as circunstâncias.

Vem, Senhor Jesus,

rosto da alegria,

faz-nos mensageiros felizes

da alegria do Evangelho

e da alegria de evangelizar.

**Senhora da Hora**

Senhor,

Tu és a luz que guia o nosso coração.

Ao acendermos esta terceira vela,

nós te pedimos a voz e o testemunho

de João Batista, no deserto

e a exultação feliz de Maria

grávida de Ti.

Vem, Senhor Jesus,

ilumina a cegueira

que nos impede de Te reconhecer

já presente no meio de nós,

Que a luz e o sorriso

do nosso rosto

sejam a mensagem estampada

da alegria completa

que só Tu nos dás.

# **Uma imagem com texto, Pauta de música, música, Tipo de letra Descrição gerada automaticamente**

# **Ato penitencial**

Com tropos especificados do 3.º domingo do Advento B

# P. Preparemos o nosso coração. Invoquemos o perdão do Senhor.

# P. Senhor, Boa Nova aos pobres.

# R. Kýrie, eléison! Kýrie, eléison!

# P. Cristo, alegria dos pobres!

# R. Christe, eléison. Christe, eléison.

# P. Senhor, Deus escondido no meio de nós.

# R. Kýrie, eléison! Kýrie, eléison!

# **Uma imagem com texto, Tipo de letra, escrita à mão, Pauta de música Descrição gerada automaticamente**

Ou propostas do Missal Romano – 3.ª edição – para o Tempo do Advento

I

P.Senhor, que viestes ao mundo para nos salvar: Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

R.Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

P.Cristo, que nos visitais continuamente com a graça do Vosso Espírito: Cristo, misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eléison.

R. Cristo misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eléison.

P.Senhor, que vireis um dia para julgar as nossas obras: Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

R.Senhor, misericórdia ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

**II**

P. Senhor, que vindes visitar o vosso Povo na Paz: Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

R.Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

P. Cristo, que vindes salvar o que estava perdido: Cristo, misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eléison.

R. Cristo, misericórdia ou Cristo, tende piedade de nós ou Christe, eléison!

P.Senhor, que vindes criar um mundo novo: Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

R.Senhor, misericórdia! ou Senhor, tende piedade de nós ou Kýrie, eléison.

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

1.ª leitura: Is 61, 1-2a. 10-11; Salmo: Lc 1, 46b-48. 49-50. 53-54; 2.ª leitura: 1Ts 5, 16-24; Aclamação: Is 61, 1 (cf. Lc 4, 18); Evangelho: Jo 1, 6-8. 19-28

**1.ª leitura** – forma mais breve nas Missas com Catequese

**Leitura do Livro de Isaías**

O espírito do Senhor está sobre mim,

porque o Senhor me ungiu e me enviou

a anunciar a boa nova aos pobres,

a curar os corações atribulados,

a proclamar a redenção aos cativos

e a liberdade aos prisioneiros,

a promulgar o ano da graça do Senhor.

Exulto de alegria no Senhor,

a minha alma rejubila no meu Deus.

**Palavra do Senhor.**

**Salmo** – forma mais breve nas Missas com Catequese: apenas as duas primeiras estrofes, omitindo a terceira.

**2.ª leitura** – forma mais breve nas Missas com a Catequese

**Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses**

Irmãos:

Vivei sempre alegres,

orai sem cessar,

dai graças em todas as circunstâncias.

O Deus da paz vos santifique totalmente,

para que todo o vosso ser se conserve puro

para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É fiel Aquele que vos chama

e cumprirá as suas promessas.

Palavra do Senhor.

**Aclamação ao Evangelho:** Aleluia…

**Leitura do Evangelho** – forma dialogada nas Missas com a Catequese

**Narrador** – Diácono

**Leitor 1** – voz dos sacerdotes e levitas [Presidente]

**Leitor 2** – voz de João Batista (voz masculina)

Narrador: Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Assembleia: Glória a Vós, Senhor.

Narrador: Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Foi este o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram, de Jerusalém, sacerdotes e levitas, para lhe perguntarem:

Leitor 1: «Quem és tu?».

Narrador: Ele confessou a verdade e não negou; ele confessou:

Leitor 2: «Eu não sou o Messias».

Narrador: Eles perguntaram-lhe:

Leitor 1: «Então, quem és tu? És Elias?».

Leitor 2: «Não sou».

Leitor 1: «És o Profeta?».

Leitor 2: «Não».

Narrador: Disseram-lhe então:

Leitor 1: «Quem és tu?

Para podermos dar uma resposta àqueles que nos enviaram,

que dizes de ti mesmo?».

Narrador: Ele declarou:

Leitor 2: «Eu sou a voz do que clama no deserto:

‘Endireitai o caminho do Senhor’, como disse o profeta Isaías».

Narrador: Entre os enviados havia fariseus que lhe perguntaram:

Leitor 1: «Então, porque batizas,

se não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?».

Narrador: João respondeu-lhes:

Leitor 2: «Eu batizo na água, mas no meio de vós está Alguém que não conheceis: Aquele que vem depois de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias».

Narrador: Tudo isto se passou em Betânia, além do Jordão, onde João estava a batizar.

Narrador: Palavra da salvação.

Assembleia: Glória a Vós, Senhor.

**Homilia no Domingo III do Advento B 2023**

**1.** “*Alegrai-vos sempre no Senhor. Exultai de alegria: o Senhor está perto” (Fl 4,4-5; Ant. Entrada*). Esta exultação no Senhor é a matiz *cor-de-rosa* deste *Domingo da Alegria*. Mas onde estão afinal a razão e a raiz de uma tal alegria, que é para todos e é para sempre?Na sorte grande? Na lotaria do Natal? Não. Numa boa notícia, numa surpresa, num acontecimento super-agradável? Muito mais do que isso! Esta alegria é fruto do encontro pessoal e surpreendente da nossa vida com a Pessoa viva de Jesus Cristo, que veio, virá e vem sempre até nós! Quem, um dia, encontrou ou se deixou encontrar pela pessoa de Cristo conhece bem esta alegria: *uma alegria que enche o coração e preenche a vida inteira*. Com Jesus Cristo renasce sem cessar esta alegria (cf. EG 1). A poucos dias do anúncio daquela “*grande alegria, que será para todo o povo*” (Lc 2,10), nós escutámos, já hoje, na voz do Messias prometido, um cântico de exultação e de exaltação. A mesma salmodia brotou dos lábios de Maria, que glorifica o Senhor e Se alegra em Deus, Seu Salvador. O Senhor é também a alegria completa de João Batista. E é de todos e para todos a fonte da nossa alegria verdadeira. É sempre o Senhor, que vem até nós e está no nosso meio, a causa, a figura, o motivo e o rosto deste sorriso, desta alegria maior. Qualquer outra alegria, fora de Cristo, não satisfaz plenamente. E por isso, esta é uma alegria que não acaba antes do fim do mês, não passa com *as passas* da noite do Ano Novo, não se irá emborano final das festas. Ninguém nos pode roubar esta alegria de Cristo, porque ela permanece como uma secreta, mas firme confiança, no meio das piores angústias. Esta alegria permanece, como um feixe de luz, mesmo no meio das lutas, lutos e sofrimentos. Podemos aí encontrar a alegria, que nos vem da certeza de sermos infinitamente amados por Deus. Nada mais. Por isso, ***vamos com alegria… até porque sem alegria isto não vai!***

2. Neste 3.º Domingo do Advento – a oito dias do Natal – somos chamados a descobrir a alegria do Natal, como verdadeira *Alegria do Evangelho*, isto é, como verdadeira *Boa Nova*, fonte de alegria e de salvação *para todos e para hoje*. O Evangelho, todo o Evangelho, desde a noite de Natal até à manhã de Páscoa, tem sempre o calor desta alegria irradiante. Por isso, o anúncio de uma tal alegria só pode ser feito… *com alegria*. Ou anunciamos Jesus *com alegria*, ou não O anunciaremos. O cristão descontente, triste, insatisfeito ou, pior ainda, ressentido e rancoroso, não é credível. Falará de Jesus, mas ninguém acreditará n’Ele! Cristãos com *cara de pau* ou com *cara de bacalhau* não anunciam Jesus. Anunciemos então esta Boa Nova, como quem partilha uma grande alegria, como quem aponta um horizonte estupendo, como quem oferece um sorriso, uma verdadeira *consoada* de Natal. Que a Alegria do Evangelho se verta e converta na alegria de O anunciar, na alegria de evangelizar. Por isso, ***vamos com alegria… até porque sem alegria isto não vai!***

**3.** Irmãos e irmãs: eis porque vos propomos, para esta semana, que elaboreis uma mensagem muito original de Natal, que podemos dizer de viva-voz, escrever, pintar, enviar ou partilhar nas redes sociais. Deixo três notas, para esta mensagem:

1. Que faça referência explícita ao acontecimento do Natal, tão histórico, como real e atual: não celebramos uma lenda, um desejo, uma festa de família. Celebramos o nascimento, segundo a Carne, de Jesus Cristo, o Filho de Deus e nosso Salvador.
2. Que anuncie, com todas as letras, o nome de Jesus, Deus-Menino, a Estrela da Festa. Não celebramos as festas do inverno, nem as melhores tradições da cozinha portuguesa. Celebramos este Deus que Se fez Homem, assumindo o que é nosso (a nossa humanidade) e fazendo-nos participantes do que é seu (a sua vida divina).
3. Que convide à alegria cristã, que brota do encontro com Cristo, e. por isso, não anda a reboque de emoções passageiras, do sucesso imediato, da saúde e do bem-estar.

Que esta mensagem de alegria chegue a todos, todos, todos… com as linguagens de hoje. Anunciemo-la, sob a inspiração criativa do Espírito Santo. Então vamos lá: *Vamos com alegria. Vamos todos a Belém…* **até porque sem alegria isto não vai; sem alegria o Natal não vem!**

**Credo**

P. Credes em Deus, o Todo-Poderoso, Deus da Paz, fiel à Promessa, cujo nome é Santo?

R. **Sim, creio.**

P. Credes em Jesus Cristo, o Messias, o Ungido do Espírito Santo, a Luz verdadeira, de que deu testemunho João Batista?

R. **Sim, creio.**

P. Credes no Espírito Santo, que santifica todo o vosso ser, espírito, alma e corpo? R. **Sim, creio.**

P. Credes na Igreja, Esposa de Cristo, enviada pelo Espírito Santo a anunciar a Boa Nova aos pobres, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros?

R. **Sim, creio.**

P. Credes na vida eterna, na ressurreição dos mortos e na última vinda de Cristo, nosso Salvador?

R. **Sim, creio.**

**Oração dos Fiéis**

P. Porque somos chamados a *orar sem cessar*, confiemos as nossas preces ao Senhor, que é fiel e cumprirá as suas promessas. Invoquemo-l’O, dizendo:

R. **Vinde, Senhor Jesus, e enchei-nos da Vossa alegria!**

1. Para a Igreja, Mensageira de Cristo, chamada a anunciar com alegria a Boa Nova aos pobres, invoquemos:
2. Para os que governam as nações, chamados a promover a dignidade de cada pessoa, o bem comum, a justiça e a paz, invoquemos.
3. Para as vítimas da solidão, da fome, da violência, da guerra, chamadas a esperar contra toda a esperança, invoquemos.
4. Para todos nós, chamados ao encontro pessoal e vital com Cristo, fonte da nossa alegria, invoquemos.

P. Senhor, nosso Deus e nosso Pai, escutai a prece dos fiéis que vos invocam sem cessar, para que o nosso espírito, a nossa alma e o nosso corpo, se conservem irrepreensíveis para a vinda do Vosso Filho Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

[Em Guifões, pode concluir-se com a oração para a coroa do Advento, elaborada pelos jovens da Sra. da Hora; na Senhora da Hora, pode concluir-se com a oração para a Coroa do Advento, elaborada por uma mãe e por uma catequista de Guifões; nestes casos, omite-se a referência «ao acender a 3,ª vela»].

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Cântico de ofertório | Prefácio do Advento II | Oração Eucarística** **II** | **Ritos da Comunhão**

**Ritos Finais**

**Agenda pastoral | Paróquia de Guifões**

1. Quarta-feira, às 16h00: Confissões em Guifões (Igreja Matriz e Igreja da Sagrada Família). À mesma hora, Confissões em Santa Cruz do Bispo.
2. Às quintas-feiras, entre as 17h30 e as 19h00, Pároco está disponível, para atendimento pastoral, inclusive para a celebração da Reconciliação (Confissões).
3. Quinta-feira, às 21h30, na Igreja da Sagrada Família: Ultreia de Matosinhos aberta a todos os interessados.
4. Tendo em conta que a véspera de Natal é ao domingo e que é provável uma antecipação da deslocação para a celebração do Natal em família, disponibilizamos já este fim de semana a pagela de oração para a noite e dia de Natal.
5. **Horários das Missas na proximidade e na Solenidade do Natal:**

* Sábado, 23 de dezembro: IV Domingo do Advento: Missa Vespertina, às 17h30, na Igreja Matriz.
* Domingo, 24 de dezembro (manhã): Missa do IV Domingo do Advento: 09h00, na Igreja da Sagrada Família.
* Domingo, 24 de dezembro (tarde): Missa da Vigília do Natal, com toda a Catequese (mas aberta a todos), na Igreja da Sagrada Família, às 15h30. Nesta missa, assinalaremos o aniversário natalício do Sr. Padre Américo, com uma singela homenagem.
* Segunda-feira, 25 de dezembro: Missa da Solenidade do Natal: 09h00 na Igreja Matriz.
* Horários das celebrações de 30 e 31 de dezembro, de 1, 6 e 7 de janeiro, estão divulgados no folheto e serão recordadas oportunamente.

**Agenda Pastoral | Paróquia de Nossa Senhora da Hora**

1. Terça-feira não há celebração ferial da Eucaristia.
2. Quarta-feira, às 16h00: Confissões em Guifões (Igreja Matriz e Igreja da Sagrada Família).
3. Tendo em conta que a véspera de Natal é ao Domingo e que é provável uma antecipação da deslocação para a celebração do Natal em família, disponibilizamos já este fim de semana a pagela de oração para a noite e dia de Natal.
4. Próximo fim de semana, durante as Missas, bênção das imagens do Menino Jesus.
5. Horários das Missas na proximidade e na Solenidade do Natal:

* Sábado, 23 de dezembro: IV Domingo do Advento: Missa Vespertina, às 15h30.
* Domingo, 24 de dezembro: Missa do IV Domingo do Advento, às 11h00. Nota: não há missas na tarde do domingo, dia 24, na nossa Paróquia. Para quem interessar, há uma Missa da Vigília do Natal, na Igreja da Sagrada Família, Rua das Moitas, Lugar dos Paus, Guifões, no domingo, dia 24, às 15h30.
* Segunda-feira, 25 de dezembro: Missas da Solenidade do Natal: 11h00 e 19h00.
* Sábado, 30 de dezembro: Missa Vespertina da Festa da Sagrada Família: 15h30.
* Horários das celebrações de 30 e 31 de dezembro, de 1, 6 e 7 de janeiro, estão divulgados no folheto.

**Bênção**

**Despedida (1)**

Nas missas em Guifões: Sábado, ÁS 15h30 (Igreja Matriz) e Domingo, às 09h00 (Igreja da Sagrada Família)

P. Irmãos e irmãs: a quem nos perguntar sobre as razões da nossa alegria, para vivermos o Natal, em tempo de guerra, entre tantos cenários de crise e sofrimentos, sejamos claros: o Natal não sou eu, o Natal não és tu, o Natal não é nosso; nós todos é que somos do Natal. O Natal não aconteceu dentro de uma zona de conforto, mas num curral de Belém. O Natal é mesmo uma grande alegria para todos. Mas a Estrela da Festa não sou eu, não és tu, não somos todos nós. Nós somos apenas os mordomos, os instrumentos, as vozes e os porta-vozes, os pastores e os magos da alegria do Presépio de Belém, que vem do sorriso do Menino-Deus.

Por isso, é que *vamos com alegria… vamos todos a Belém… até porque sem a alegria isto não vai; sem a alegria, o Natal não vem!*

Diácono:Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Procissão de saída e cântico final | Entrega do Postal com a oração para a noite e dia de Natal**

**Despedida (2)**

Nas Missas com a Catequese na Senhora da Hora: Sábado, às 15h30; Domingo, às 11h00: colocação do sorriso na árvore

P. Somos agora convidados a colocar na árvore dos sorrisos, o sorriso que recebemos, o sorriso que provocamos, o sorriso que trocamos entre nós. “*O Natal é o sorriso de Deus dirigido aos homens, o sorriso do imenso mistério de Amor e de Alegria, que os anjos anunciaram na noite do nascimento de Jesus. Todos os anos, à medida que o Natal se aproxima, esse sorriso de Deus começa a insinuar-se no horizonte da nossa alma como um amanhecer que desponta*” (Francisco Faus). Sim. Jesus é o sorriso de Deus. Deste modo, quando olharmos para a árvore dos sorrisos, que abriga o presépio, contemplemos o Menino. “*N’Ele é Deus que sorri para nós*” (cf. Papa Francisco, Discurso, 24.12.2019).

Diácono:Não faremos procissão de saída. Viremos até junto da árvore do Presépio colocar o nosso sorriso e receber um miminho, além do postal com a oração para a noite de Natal. Para quem vem e para quem vai, na alegria do Senhor:

“**Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe**”.

R. Graças a Deus.

**Colocação do sorriso | Entrega do miminho e do Postal com a oração para a noite e dia de Natal | Cântico final**

**Despedida (3)**

Na Senhora da Hora, na Missa de Domingo, às 19h00: partilha da Luz da Paz de Belém

Escuteiro(a): Todos os anos, uma criança austríaca é escolhida para recolher a Luz, na Gruta da Natividade, em Belém. E, de candeia em candeia, esta chama, que foi acesa em Belém, percorre o mundo. Em Portugal, a Luz da Paz de Belém é uma tradição partilhada por todos os Agrupamentos do Corpo Nacional de Escutas e assim, um pouco por todo o país, a luz chega a cada comunidade e desde aí à casa de cada família. Queremos fazer da partilha da Luz de Belém “*um sinal de Esperança na Construção da Paz*”. É uma forma bela de celebrarmos os 75 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e de colocarmos Belém e os povos da Palestina e de Israel nas nossas orações e nos nossos sonhos de Paz.

P. Que esta Luz da Paz de Belém, acolhida, por nós e em nossa casa, irradie sobre todas as formas de escuridão e tristeza, para que o mundo, a partir de Belém e da Terra Santa, possa alcançar o dom da Paz.

Escuteiro(a):Aqueles que pretenderem acender a sua vela, aproximam-se. Aqueles que vão partir, podem voltar aqui em outro dia para acender a sua vela**.** Iremos entregar a todos o postal com a oração para a noite e dia de Natal.

Diácono:Não faremos procissão de saída. Para quem vem e para quem vai, na luz e na alegria do Senhor, “**ide em paz e que o Senhor vos acompanhe**”.

**Partilha da Luz da Paz de Belém | Entrega do Postal com a oração de Natal | Cântico final**

**Oração para a Bênção da mesa | III Advento B | 17.12.2023**

Senhor,

acendemos a 3.ª vela

da coroa do Advento.

Que a Tua luz incida

sobre as zonas mais escuras

da nossa casa, do nosso coração.

Vem, Senhor Jesus,

Tu és a luz da vida,

a fonte da alegria.

Faz-nos companhia

para que sejamos mensageiros

da alegria do amor em família.

Ámen.

**OUTRAS HOMILIAS E RECURSOS**

**III DOMINGO DO ADVENTO B**

**ATO PENITENCIAL | ADVENTO B | PROPOSTA SDL PORTO**

Uma imagem com texto, captura de ecrã, software, Software de multimédia

Descrição gerada automaticamenteDepois das palavras “*Irmãos, para celebrarmos dignamente estes santos mistérios reconheçamos que somos pecadores”* ou similares, seguidas do silêncio recomendado, prossegue o Ato Penitencial na forma III. Os tropos aplicam-se a cada domingo do Advento, conforme a numeração, sendo que também foram elaborados tropos para a Imaculada Conceição. No fim de cada tropo aplica-se uma das invocações apresentadas: *Senhor, tende piedade de nós* ou *Senhor, misericórdia* ou *Kyrie Eleison.* O Ato Penitencial conclui com a absolvição dita pelo presidente: *Deus Todo-poderoso....*

Uma imagem com texto, captura de ecrã, software, Software de multimédia

Descrição gerada automaticamente

Uma imagem com texto, captura de ecrã, software, Software de multimédia

Descrição gerada automaticamente

**OUTRAS HOMILIAS**

**DO III DOMINGO DO ADVENTO B**

**1993 – 2020**

**Homilia no III Domingo do Advento B 2020**

**1.** O recado de João Batista é muito breve: *Ele está próximo*! E a mensagem é clara: para O acolher, “*endireitai o caminho do Senhor*”, mudai de rota, reorientai os vossos passos, redefini a vossa meta, deixai-vos guiar pela *Estrela da Fraternidade*. Ela conduzir-vos-á ao encontro do Senhor, que vem acampar no meio de vós. Se Ele está próximo, então aproximai-vos d’Ele. E aproximar-vos-eis do Seu Natal, seguireis o caminho direito, que vai direto ao Presépio, se esta proximidade do Natal vos tornar próximos de todos os vossos irmãos e irmãs.

**2.** Por isso, a palavra-chave, para *endireitar o caminho* e seguir a rota da Estrela, nesta terceira semana, é a **PROXIMIDADE**. E esta proximidade é concreta e pessoal: proximidade atenta aos de casa, ao vizinho do lado (cf. FT 51), ao colega de trabalho, aos donos da loja do comércio local, ao proprietário do restaurante ou aos empregados do centro comercial. A todos “*os corações atribulados*” por esta pandemia da solidão, da incerteza, do luto, da pobreza súbita, do desemprego galopante; a todos os idosos “*cativos*” há mais de 9 meses em nossas casas e nos nossos lares, aos prisioneiros das cadeias ou presos nas camas dos hospitais, é preciso levar a Boa Nova do Natal. Cuidemos, pois, da fragilidade de cada homem, de cada mulher, de cada criança, dos exilados ocultos (deficientes e idosos) (cf. FT 98), com a mesma atitude de proximidade do bom samaritano (cf. FT 79). O termómetro da proximidade é a nossa atenção aos últimos, aos pobres. Esta proximidade já é anúncio da Boa Nova aos pobres. Assim, já não diremos “*quem é o meu próximo*”; porque “*eu próprio me tornarei o próximo dos outros*” (FT 81).

**3.** Estareis a pensar: mas que proximidade poderemos viver neste Natal, se nos aconselham um distanciamento físico até com os de casa? A pandemia tem forçado muitos lutos relacionais, mas também reinventou formas de proximidade. Permite que te deixe *três sugestões*:

**3.1.** Mantém a distância física do teu irmão, da tua irmã, não para te afastares dele ou dela. Não. Dá menos um passo, para assim lhes dares mais espaço. Assim, criarás uma distância que aproxima. A solidão e a proximidade não se medem aos palmos.

**3.2.** Se não podes tocar o teu irmão, a tua irmã, reaprende o valor da saudação, o estímulo de um cumprimento, a incrível força de um sorriso ou de um olhar. Podes abraçar sem estender os braços, na hospitalidade e no cuidado dos outros. Precisas de proximidade e de distância. Lembra-te: nasceste de uma grande proximidade física, mas precisaste de distância para crescer. Uma pede a outra.

**3.3.** Se não podes sair de casa ou falar com determinada pessoa de forma presencial, reaprende a seres *de casa*, a habitares o teu espaço, não vá que estando sempre com muitos te esbarres neles; torna-te próximo dos irmãos através da palavra, da oração, de novas formas de comunicação. Usa as redes sociais não apenas como divertimento ou evasão, mas como canais de presença, de solicitude e de escuta.

**4.** Por fim, deixa que te diga: se este ano não podes passar a consoada com aqueles com quem desejarias partilhar a mesa e a alegria familiar, não penses que te roubaram o Natal. Não podes mesmo adiar o Natal para outro ano. Vive a graça deste Natal, em novos formatos, em novas linguagens; talvez mais próximo do próximo do que aqueles Natais, porventura cheios de gente ausente, que está em casa sem ser *de casa*. Sente-te solidário com tantas pessoas, que já passaram, passam e hão passar tantos Natais a cuidar ou a ser cuidadas em lares, hotéis, hospitais, tantas pessoas que estão, na noite de Natal, em postos de vigia, de transporte, de segurança, a garantir serviços essenciais.

**5.** O Natal está próximo. Faz-te próximo do Natal. A proximidade com os teus irmãos e irmãs é, pois, a melhor forma de contágio positivo, para que este Natal aconteça e se torne viral! *Todos irmãos. Todos de casa!*

**Homilia no III Domingo do Advento B 2017**

1. *Homem livre*, João Batista não se põe em bicos de pés, nem quer ser a *Estrela da Companhia*! Ele é o precursor e o apresentador de Jesus. Mas não quer que incida sobre ele a luz dos holofotes, que o podiam cegar de orgulho e vaidade. Ele retira-se e apaga-se, para que brilhe sempre e cada vez mais a Estrela Maior, o Sol Nascente, Cristo, nosso Deus. João Batista não quer ter luz própria; quer apenas refletir a luz verdadeira, que vindo a este mundo ilumina todo o homem: a luz de Cristo (*Jo* 1,9), a luz que é Cristo! Nisto está a sua liberdade inteira, a liberdade de um homem desapegado dos seus bens e dos seus pergaminhos, livre dos títulos de honra ou das manchetes da imprensa cor-de-rosa, livre das etiquetas sociais, das condecorações e das promoções de carreira. “*Que Jesus cresça e eu diminu*a” (*Jo* 3,20), disse João Batista, que não se quer substituir a Jesus. Por isso, diante daqueles que procuram saber dele, João Batista não ousa sequer dizer “*Eu sou*”, porque isso só Deus disse de Si mesmo (*Ex* 3,14) e só Jesus, o Filho de Deus, o dirá de Si próprio. João Batista não é o Messias, não é Elias, não é o Profeta. Não é a Palavra; é a voz no deserto. Não é a Luz; é apenas «testemunha» *d’Aquele que está no meio de nós* e deve estar no centro de todas as atenções: Jesus!

2. Irmãos e irmãs: está a aproximar-se o Natal do Senhor. E este testemunho de João Batista vem libertar-nos do *narcisismo*, desta posse «*do meu Natal*», para não cairmos na tentação de fazer da festa do Natal uma «*selfie*» dos nossos desejos e caprichos. João Batista vem dizer a cada um: “*Não é o teu Natal que estás a celebrar, é o Natal de Jesus. A Estrela do Natal não és tu! Não és tu que fazes anos. É Jesus, o Filho de Deus, dado e enviado pelo Pai a este mundo, na plenitude dos tempos. Abaixa-te, pois, para te reclinares diante d’Ele! Diminui o volume da tua voz e a intensidade do brilho da tua fotografia…. e deixa que este seja o Natal de Jesus, e não o teu Natal. Não és tu o Messias, o Salvador. Não é tua a última Palavra do Amor. Descalça então as sandálias. E debruça-te sobre este Deus, que veio a este mundo, para te salvar*. *E então sim faz do Natal de Jesus o Natal que acontece em ti, para que se torne Natal de Jesus nos outros, para os outros, com os outros*”.

3. Em vez de um «*autonatal*», levemos à cena deste mundo um verdadeiro “*auto de Natal*”! Isto é, em vez do “*meu Natal*”, de mais uma festa *autorreferencial,* centrada em mim mesmo, procuremos ser *arautos do Natal de Jesus*, no anúncio público, feliz e corajoso da sua vinda até nós. Mas sobretudo, sejam um “*auto de Natal”* os gestos livres e libertadores do amor concreto a cada pessoa, do outro, que goza de prioridade sobre mim. Nesta semana não tenhamos medo, nem vergonha, de firmar e afirmar a liberdade de expressão da nossa fé na esfera pública. Realizemos um sinal de pública manifestação de fé, fazendo, por exemplo, um *anúncio público do Natal de Jesus*, sinalizando-o em presépios, que podem ser colocados em espaços públicos, ou tornemo-nos arautos do Natal, através do envio de mensagens e de publicações explícitas nas redes sociais. Aos mais familiarizados com as novas tecnologias, desafio a criarem um *pequeno filme*, de modo que possa chegar a todos o mais simples e o mais comovente anúncio de Natal: *«Deus ama-te! Cristo veio por ti. Para ti Cristo é Caminho, Verdade e Vida»* (São João Paulo II, CFL, 34)! Pode ser este o nosso *tweet*, um simples *piar* da alegria inefável do Natal que está a chegar!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2014**

*“No meio de vós está Alguém que não conheceis” (Jo.1,26)!*

**1.** É a resposta desconcertante de João Batista, aos que procuravam saber se era Ele o Messias esperado, o Elias prometido ou o Profeta anunciado! João Batista coloca-os noutra direção: devem procurar o Messias, no coração da cidade, no meio da vida quotidiana, pois “*no meio de vós está Alguém que não conheceis*”**…**

**2.** Também nós, como diz o Papa Francisco, **“***precisamos de identificar a cidade a partir de um olhar de fé, que descubra Deus, que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus* ***acompanha*** *a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida”.* E o Papa assegura: “*Deus vive entre os citadinos, promovendo a solidariedade, a* fraternidade*, o desejo de bem, de verdade, de justiça”* E adverte-nos: *“****Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada****. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero*” (EG 71).

**3.** Estamos afinal em santa companhia! Não precisamos sequer de a criar, mas somente de a desvendar. À Igreja, a cada um de nós é pedido, portanto, que saiba acompanhar as pessoas e grupos, na sua busca de Deus! E essa busca de um sentido profundo e religioso da vida também se manifesta na sua luta e labuta diária, onde quase não há tempo para respirar ou rezar! É preciso, pois, sair ao encontro das pessoas, “*para um diálogo parecido com aquele que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço, onde ela procurava saciar a sua sede*” (EG 72). É preciso que este diálogo paciente sirva “*para avaliar tudo, conservando o que for bom*”, e, deste modo, ajude a desvendar a presença de Deus, que se esconde na trama da vida. Precisamos de aprender esta “*arte do acompanhamento, a descalçar as sandálias, diante da terra sagrada do outro*” (EG 169), abaixando-nos com humildade, aproximando-nos com gentileza. Somos chamados a servir *“um diálogo difícil*” (EG 74). Mas não deixemos de “*dar ao nosso caminhar juntos o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã*” (EG 169).

**4.** Este é pois, o desafio principal desta 3ª semana: **acompanhar**. Uma Igreja em saída “*acompanha a humanidade, em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam*” (EG 24). É muito importante, no âmbito da família e da cidade, saber oferecer companhia a quem está só, gastar tempo com quem precisa de ser escutado, dar oportunidade às pessoas de exprimir as suas dúvidas e convicções, o que sentem, o que pensam, o que vivem. E devemos fazê-lo, sempre, sem pressas, ***“****no respeito pelas etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia*” (EG 44).

**5.** Tudo isto “*exige muita paciência*” (EG 24); que saibamos renunciar às nossas urgências, alterar a nossa agenda, dar o nosso tempo, criar espaços “*para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho*” (EG 46) da vida. Numa cidade, em que “*as casas e bairros se constroem mais para isolar e proteger, do que para unir e integrar*” (EG 75), saibamos nós curar as feridas, construir pontes, estreitar laços e ajudarmo-nos mutuamente” (EG 67). Saiamos, acompanhemos e mostremos aos nossos companheiros de busca e de caminho “*Aquele que está no meio de nós*” e que, porventura, ainda desconheceremos!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2011**

«*O Deus da Paz vos santifique totalmente, para que todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve puro, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo*» (I Tes.5,23)!

**1.** Deus não nos quer a meias! Não nos quer, por partes. Quer-nos inteiros, *de corpo e alma*, bonitos por fora, belos por dentro. Ele quer que todo o nosso ser, carne e espírito, corpo e alma, das mãos aos pés, dos pés à cabeça, da cabeça ao coração, se conserve puro, isto é, capaz de amar e de ser amado! E todo o nosso ser é puro, quando transparece a beleza e a santidade do amor de Deus! Na pessoa humana, este amor é, ao mesmo tempo, espiritual e carnal, “*abarca o corpo e o corpo exprime o amor espiritual*” (*Familiaris Consortio*, 21). Por outras palavras, não há nada na linguagem corporal, da afectividade e do amor, que, ao tocar o corpo, não toque também a alma! Temos de o saber: “*Nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é a pessoa, que ama, no seu todo, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando corpo e alma se fundem numa unidade, é que a pessoa se torna plenamente ela própria*” *(Bento XVI, DCE 5).*

**2.** Assim, por exemplo, as palavras, os sentimentos, os desejos, e quaisquer gestos de ternura, devem sempre comunicar a verdade inteira do amor humano e transparecer a beleza do amor divino! Um gesto de carícia, um beijo, o contacto com o corpo de alguém, significa também e sempre tocar a própria alma do outro, fazer vibrar as cordas do nosso coração, numa aproximação que nos afecta totalmente.

**3.** A pureza de coração, a chamada «*castidade*», é, no fundo, o amor que anda de mãos dadas com a verdade! “A castidade – uma palavra “*maldita*” do nosso tempo – não pode ser vista como “corte” e “castigo”, mas como *«educação e treino para superar toda a mentalidade de tipo apropriador e dominador, em relação a outra pessoa. Opõe-se frontalmente àquela mentalidade, que tende a usar e abusar de todas as coisas, como se fôssemos únicos donos de nós mesmos, do nosso corpo, e das nossas pulsões, e também das pessoas e do mundo que nos rodeia»* (Carlo Maria Martini). A santificação de todo o nosso ser, «*espírito, alma e corpo*», implica, portanto, que todas as palavras e gestos da nossa afectividade “*devam ser orientados, elevados e integrados pelo amor, que é o único a torná-los verdadeiramente humanos*”. Rui Veloso canta uma bela música, onde diz: *“Amar é o verbo revelado / Pela boca da divindade / Só deve ser invocado / Em caso de necessidade! (…) Não invoquem o amor em vão / É pecado, como deitar fora o pão /”.* Eu não diria melhor, para falar de «pureza de coração», do domínio de si ao dom de si.

**4.** Esta pureza de coração, de intenções e actos, exige, portanto, uma limpeza diária, uma atenção constante. Por isso, a segunda palavra desta semana é «*revisão de vida*», dos pensamentos, das palavras, dos actos e omissões**.** Era isso que São Paulo recomendava quando nos dizia: «*Avaliai tudo e guardai o que for bom*». Aprendamos, pois, a fazer o “*exame de consciência*” diariamente, ao deitar, e antes de adormecer, para chegarmos a esta séria revisão de vida e examinarmos a nossa vida no amor. Pais e filhos podem ajudar-se mutuamente, colocando algumas perguntas, no silêncio do quarto, para responderem, cada qual, diante de Deus.

**5.** Irmãos e irmãs: Deus, que vem até nós, não é apenas uma pessoa importante! Ele é tudo. E, por isso, pede-nos tudo: *espírito, alma e corpo*. E só quando Deus é tudo em nós, é que todo o nosso ser se torna puro! Eis então duas palavras a gravar esta semana: pureza e revisão de vida. São atitudes do coração, que nos ajudam a construir a família, sobre o alicerce sólido do amor e da comunhão!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2008**

***“Vivei sempre alegres!”*** (I Tes.5,16)

**1.** O mercado organiza-se, a todo o vapor, para nos vender, no meio da crise, a poção mágica da alegria. Movimento, boas palavras, promoções antecipadas, sorrisos artificiais, em todo o tipo de natais. Mas um passeio atento, pelo coração da cidade real, faz-nos ver o outro lado da rua. A rua da melancolia, de um certo desencanto e cansaço vencido. Disso é testemunho uma antiga melodia espanhola que cantava assim: ***"Moro no número sete, Rua da Melancolia / Quero mudar-me há anos para o bairro da alegria / Mas sempre que tento, já partiu o transvia; /E na escadaria me sento, a assobiar a melodia"*** (Joaquín Sabina). O que sobra, por aí, em prazer empacotado, vendido e comprado, falta-nos em graça e alegria!

**2.** Espanta-nos, por isso, o tom solene e imperativo, de São Paulo: «**Vivei sempre alegres»**! Se já nos parece tão difícil desfrutar a graça de alguns momentos de alegria, este desafio a *viver sempre alegres*, parece-nos uma ousadia insensata! Todavia, o Apóstolo sabia bem o que estava a dizer! Ele trazia e conhecia, no próprio corpo, as marcas de Jesus, sabia das agruras da tribulação, das dores e perigos de uma vida tão sofrida! Por certo, São Paulo estará a desafiar-nos então para uma outra alegria. Não uma alegria exterior e banal, não uma alegria superficial e divertida, a reboque dos copos da vitória ou da derrota, da sorte ou do azar, da morte ou da vida, da saúde ou da doença, da boa ou da má disposição, do sucesso ou do fracasso. Não. Tamanha alegria, que dura e perdura, para lá dos nossos humores, só pode brotar como milagre da graça, na nossa alma vazia!

**3**. Significativamente, ouvíamos na primeira leitura, este hino de louvor: «*Exulto de alegria por causa do Senhor, minha alma rejubila, por causa do meu Deus*» (Is.61.10). Numa palavra: “*a verdadeira fonte da alegria é a certeza de sermos amados por Deus, com um amor apaixonado e fiel, um amor maior que as nossas infidelidades e pecados, um amor que perdoa*” (Bento XVI). Sim, é Deus a causa única, primeira e última, da nossa alegria. Toda a alegria, que se dá fora dele, ou sem Ele, não satisfaz. Pelo contrário, arrasta a pessoa para um redemoinho, no qual não pode estar verdadeiramente contente. Nenhuma alegria resiste sempre, se vier a apoiar-se em coisas que, de repente, nos podem ser tiradas ou destruídas. Ao *dizer «vivei sempre alegres*», Paulo diz-nos: «*Alegra-te sempre, porque Deus te ama sempre! A grande alegria vem do facto de existir este grande Amor de Deus, por ti. Tu és alguém que és indefectivelmente amado (a), criado e redimido por Ele. E isto está estabelecido para sempre*”! Esta é realmente *«a Boa Nova*», que nos enche da perfeita alegria! É uma alegria que existirá e subsistirá, mesmo nas circunstâncias de uma vida difícil. Aliás, só este fio de alegria torna possível atravessarmos com serenidade, coragem e grandeza, os momentos mais obscuros do coração e da vida. Precisamos desta alegria de viver, que só a fé nos pode dar!

**4.** Meus queridos irmãos, minha alegria e minha coroa: Se a fé nos introduz nesta confiança do amor de Deus, que permanece e prevalece, sobre todas as coisas, então é urgente revestir de alegria a nossa fé!Sente-se, hoje, entre os cristãos, sobretudo na Europa, um bafo de tristeza, uma triste monotonia, sintomas de um certo cansaço da fé. Ora a fé só pode dar alegria! Uma fé sem alegria, é como uma vela apagada. Sem a alegria, não há luz, no teu olhar! Ora “*a candeia do teu corpo são os teus olhos. Se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo estará iluminado.**Examina, pois, se a luz que há em ti não é escuridão.**Se todo o teu corpo está iluminado, todo ele será luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu fulgor*” (Lc.11,34-36; cf. Mt.6,22-23).

**5.** A santa da escuridão, como Madre Teresa gostaria de ser conhecida,disse-nos um dia: **“**Não há melhor maneira de manifestar a nossa gratidão a Deus e aos homens do que aceitar tudo com alegria. Um coração ardente de amor, é necessariamente um coração alegre”. Por isso, “não deixes nunca que a tristeza se apodere de ti, ao ponto de te fazer esquecer a alegria de Cristo, que nasceu e deu a vida por Ti.Continua a dar Jesus aos outros, pelo amor que Te une a Ele. Que a tua força não seja outra, que a alegria de Jesus. Vive feliz e em paz. Aceita tudo o que Ele dá, e dá-Lhe tudo o que ele toma de ti, sempre com um grande sorriso”. E agora digo-te eu: “Vá lá. Ri-te um pouco. Ri-te um pouco mais, para todos vermos a luz de Cristo, no teu olhar! Exulta de alegria! O Senhor está perto de ti!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2005**

1. Em tempo de Advento, a Palavra tem a sua voz. É João Baptista? Ele não é Elias, não é nenhum profeta reaparecido! Ele é a voz! *A Voz daquele que clama no deserto*: *preparai os caminhos do Senhor!*

Ele não é a Palavra. Ele é simplesmente uma *voz de fogo*, transformada pela Palavra, que lhe faz arder o coração por dentro! Essa Palavra, é como uma espada de dois gumes, a cortar a eito, como quem rasga caminhos novos, à maneira de Isaías, para o encontro com Aquele que há-de vir!

2. João Baptista é a voz. N’Ele a Palavra faz-se ouvir. Mas João Baptista é também «testemunha». Nele a Palavra faz-se ver. Nele a Luz da Palavra é farol dos passos. Essa Luz brilha nele e faz-se brilhar nos outros. Ele não era a Luz! A Palavra, que é farol dos passos e Luz dos Caminhos. Ele veio para dar testemunho, para «mostrar» o esplendor dessa Luz!

Assim caríssimos irmãos, temos em João Baptista uma referência de valor, para a palavra. A Palavra de Deus, precisa de uma voz que a faça ouvir. E precisa de um testemunho que a faça ver. João Baptista anuncia e mostra, prega e demonstra, faz ouvir e faz ver. É por isso um belíssimo modelo de anúncio e de testemunho da Palavra de Deus.

3. Como disse João Paulo II, os homens do nosso tempo, não querem apenas ouvir falar de Jesus (NMI 16). De certo modo, querem que Lho façamos ver! No caso de João Baptista, este testemunho não podia ir mais longe. Ele acabou por ser mártir, pela fidelidade à Palavra que anunciava. O seu testemunho foi até ao martírio; o martírio é, de facto, a forma de testemunho por excelência. *“Os mártires anunciaram o Evangelho dando a vida por amor.* *O martírio é a forma mais eloquente da verdade da fé” (Inc. Myst. nº 13).*

4. Quer dizer, pelo martírio, Deus fala mais alto; a sua Palavra faz-se gesto eloquente, gesto que todos sabem ler e entender. É a prova extrema do amor, que vai até ao fim. Dizia-nos Paulo VI, que os homens do nosso tempo, são mais sensíveis aos Testemunhos, que aos Mestres. E se ouvem os Mestres, é porque primeiro deram Testemunho! Dito de outro modo, os homens de hoje precisam não tanto que lhes “fale de Jesus”, mas que lho façamos ver!

5. Na proximidade do Natal, somos também chamados a acolher Jesus. E a acolhê-lo na sua Palavra! Não se pode receber Jesus e não acolher os seus ensinamentos. Neste Advento, consagrado à Palavra, não esqueçamos estas duas coisas elementares: a Palavra de Deus precisa de uma voz, para se fazer ouvir. Mas precisa ainda mais de um testemunho para se fazer ver. Todas as nossas mensagens de Natal serão ocas, se os nossos gestos não falarem mais alto!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2002**

**1.** Três vezes que «**não**». «**Não sou**», respondeu João Baptista: *Não sou o Messias. Não sou o Elias. Não sou o Profeta (Jo.1,19-28)*. João não é a Palavra. É apenas a Voz. Não é a Luz. É apenas a testemunha. Não é o Salvador. É apenas o Baptista. Para se saber quem é afinal João, é preciso olhar para Outro, para Jesus. Fora de Jesus, João não é nada… nem ninguém. É em Jesus, que João se compreende e se encontra a si mesmo. É na relação com Jesus, que se define a sua identidade, a sua vocação e a sua missão. João não se entende a partir de si mesmo, do que pensa, ou do que faz. Toda a sua pessoa, se projecta noutra, em Jesus precisamente, no qual Ele é, se vê e se revê. E por isso, João é tanto mais, quanto mais deixa de ser ele mesmo, para fazer ser e aparecer Jesus de Nazaré.

**2.** «**Que eu diminua e Ela cresç*a***», dirá João, a respeito da sua relação com Jesus. Ele não precisa de se pôr em bico de pés, para se afirmar, para ser e parecer alguém. João, ao contrário, diz sempre «*não ser*», quando o mais comum é que toda a gente queira ser, parecer e, hoje pior que tudo, «aparecer», mesmo que para isso tenha de esmagar e fazer desaparecer o outro. Ora ninguém é pessoa, se impede que o outro seja. Porque ninguém se entende a si mesmo, sem o Outro. É no outro que se reflecte a imagem real do que sou.

**3.** Por isso, é preciso aprender a «**perder-se**» no outro, a dar-se ao outro, a morrer para o outro, para que cada um chegue a ser verdadeiramente pessoa, a ser alguém. A relação com o Outro não é algo que se acrescenta a partir de fora de mim… A relação com o outro é algo que me constitui como pessoa e define o meu próprio ser. E por isso, não devemos temer esta atitude de se diminuir ou apagar, este «desaparecer» ou dar-se, como ameaça àa nossa própria existência pessoal. Está aí, nesse amor que sustenta o outro, a verdadeira afirmação da minha pessoa. Em João Baptista, essa humildade engrandece-o. Ele cresce, diminuindo-se. E é por isso que Jesus o considerará, e muito justamente, «*o maior entre os filhos de mulher*» (Mt.11,11).

**4.** Claro está que isto é completamente ao avesso da lógica do nosso pensamento (pós) moderno. Fomos educados e somos estimulados a fazer valer o que somos, o que temos e o que sabemos. Somos desafiados a firmarmos e a afirmarmos o que somos, no domínio e na superioridade sobre os outros. Mas isto é precisamente o contrário do que é ser **pessoa**. Até no seio da Santíssima Trindade, cada Pessoa habita e tem a sua sede própria, nas outras. «*Eu estou no Pai e o Pai está em Mim*» (Jo.14,11), dirá Jesus. De tal modo, que cada um de nós, criado à imagem e semelhança deste Deus, que é relação de amor, deverá também dizer: «*Eu sou em Ti e Tu és em Mim*». Não sou sem Ti. Preciso de ti, parar ser quem sou. Existo como pessoa, porque me dou a ti. Vejamos, bem no concreto: Sou Pai, na medida em que te faço ser e crescer como Filho. Sou Marido, tanto mais quanto mais te faço ser e crescer como Esposa. Sou Professor, enquanto te faço ser e crescer como aluno. Sou Padre, porque vos faço ser e crescer como filhos de Deus. Sou tudo isto, tanto mais, quanto menos sou «eu».

**5.** Esta vivência da **humildade do nosso ser**, que se apaga, para brilhar, no ser do outro, aproxima-nos bem do mistério do Natal. Em que Deus se faz a este mundo, «*desfazendo-se*» da sua glória. Em que Deus aparece diante dos homens, fazendo «desaparecer» a sua grandeza, na humildade de um Menino. Esta devia ser a lógica deste tempo. E começaria, na prática, por ensinar os mais pequeninos a não pedir tanto para si… a não viver tanto, a partir dos seus interesses e fantasias. E ensinar aos mais velhos a partilhar a beleza do amor, a fazer a belíssima experiência de ver brilhar nos outros, a alegria que se esconde no coração de quem se dá. Mas esta é uma reflexão provavelmente indigesta, para quem se multiplica em ceias de Natal. Uma proposta talvez fora de tempo, para quem não se apercebeu que afinal ainda estamos em Advento.

**Homilia no III Domingo do Advento B 1999**

“*O Senhor do Senhor, está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os corações feridos, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a promulgar o ano da graça do Senhor*”.

**1.** É a trombeta do Jubileu que ressoa, feliz, pela boca do profeta Isaías. É o pregão do Jubileu a doze dias da abertura da Porta Santa. Depois de uma semana de sete duros e longos anos, anuncia-se um ano inteiramente «de graça». O ano jubilar, que dará pouso à terra e repouso aos homens. Ano da remissão dos pecados e do perdão das dívidas. Ano do resgate para os escravos e da libertação para os pecadores. É o quinquagésimo ano, o ano da graça do Senhor! Uma espécie de bodas de ouro, para todo o Povo! O Jubileu marca o regresso de muitos à terra prometida da liberdade. E celebra o ponto de reencontro de irmãos, na mesma terra da fraternidade. O Jubileu, de 50 em 50 anos, faz tábua rasa de montes e muros a separarem ricos e pobres, judeus e estrangeiros, aliados e inimigos. Israel faz-se campo da igualdade. Para os pobres, é a oportunidade esperada; o Jubileu da Caridade, prometida e devida. Para os escravos, a hora desejada: a Libertação justa e alcançada Para os instalados, a apodrecer na injustiça: a hora da desgraça, há muito anunciada. Eis o Jubileu na Terra, pelos anos de ouro da fraternidade, do perdão, da alegria e da paz. Eis o Júbilo no céu, pela graça da misericórdia, sobre todos, abundantemente derramada, pela vida feliz aos homens oferecida.

**2.** Este é o Jubileu que se cumpre em Jesus de Nazaré, o Libertador. João Baptista adivinhou o dia, e não queria confusões. O Messias é Jesus de Nazaré. Nele, no Messias, se cumpre o tempo esperado. Os pobres alegram-se por nada ter a perder e tudo ter a ganhar com a vinda do seu Reino! Sem apoios, nem defesas, são os mais interessados no tempo novo que lhes é favorável. Os ricos sentem a ameaça dos bens que acumularam!... Maria, sentiu a sua proximidade e cantou de alegria pelo Senhor «que se lembrou da sua misericórdia, derrubou os poderosos de seus tronos; aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias».

**3.** Dizer que temos Jubileu e que esta é uma feliz notícia para os pobres, implica «abrir-lhes as portas do coração», quer dizer, abrir-lhes as mãos. Que sentido terá a peregrinação do jubileu se não nos conduz a Cristo presente nos mais pobres... se em vez da caridade diligente, embarcamos num consumismo desenfreado?... Que sentido têm as lâmpadas acesas nas ruas da cidade, se nos falta o testemunho da Luz, que nos abre os olhos ao próximo... Que sentido... se, de facto, não acautelamos o nosso direito ao «excesso» da festa do ano 2000, com o dever de dar ao próximo o mínimo da sua dignidade? “*Um sinal da misericórdia de Deus, particularmente necessário hoje, é o da caridade, que abre os nossos olhos às carências daqueles que vivem pobres e marginalizados*.” (João Paulo II, Inc. Myst.12).

**4.** «*Sem essa consciência,* - escreveu um pensador não cristão, num diário nacional – o *Natal chegará como uma festa gastronómica ou, como disse um padre desencantado, a festa do tubo digestivo dos que nem sequer meditaram algum dia na pobreza do palheiro onde Jesus nasceu*». E continuava: «O *Advento foi esquecido. É agora a época de marketing, em que o produtor e o comerciante preparam o Natal do lucro e em que o consumidor se deixa cair para assegurar o que pensa que seja a alegria e não passa de um gozo de primatas*”. (Vítor Cunha Rego, *Diário de Notícias* de 30-11-99). Sim, uma espécie de alegria selvagem. Uma alegria que incendeia o desejo e apaga o Espírito. E essa é a alegria que não queremos mesmo. Queremos a alegria do Espírito, que é puro amor em ato! A alegria que recebemos no rosto daqueles a quem damos! Vivei sempre alegres!

**Homilia no III Domingo do Advento B 1996**

*“Não sou o Messias”!* Confessou a verdade e não negou. É João, o Baptista, simplesmente!

1. Ele não é o profeta, nenhum profeta reaparecido! Ele é a voz! A Voz daquele que clama no deserto: preparai os caminhos do Senhor! Ele não é a Palavra, ele não é a Luz. Ele é simplesmente uma voz de fogo, que devora a paz podre de todos os satisfeitos... e corta a eito, como quem rasga caminhos novos, para o encontro com Aquele que há de vir! Ele não é o Messias. Não é o Salvador! Nem o salvador da Pátria, nem o salvador do mundo! Vai simplesmente adiante de quem lhe está à frente! Impressionante, este João Baptista. Solitário, sem casa, sem tenda, sem criados, sem nada de seu, além do que levava sobre o corpo! João, de corpo queimado pelo sol do deserto, de alma inflamada pelo desejo do Reino, é o anunciador, ele é o fogo. No Messias que vai chegar vê ele a sua chama. Chamem-lhe monge, asceta, moralista ou profeta. Chamem-lhe o que quiserem! Mas ele aí está definido pelo evangelho: Ele não era a Luz! Mas veio para dar testemunho da Luz!

2. Às portas do terceiro milénio, a cada passo, é vê-los por aí, armados até aos dentes, de fato e gravata, pasta na mão e um produto a que chamam «salvação» para vender! Descobriram uma nova e inventaram outra Palavra! Iluminados por uma Luz que ninguém viu senão eles, são a salvação do mundo - dizem - profetas deste tempo! No meio da confusão, ainda há quem pergunte: «quem és tu»? - «Somos a sua salvação». Respondem certeiros!

3. Nós, caríssimos amigos, não precisamos de novas novidades. Mas da antiga novidade escondida no arcaz do evangelho, que o pó dos séculos e o medo esconderam! E que urge anunciar com desassombro! Nós não precisamos de revelações extraordinárias, segredos descobertos, novas palavras. Mas da Palavra que se fez Carne e habitou no meio de nós, Jesus Cristo. Nós não precisamos de novos Messias, salvadores que em vez de dar a vida, a pedem, que em vez de se vergarem para desatar as sandálias dos outros, exploram os que a vida atirou para o chão. O nosso Messias é Cristo. O único Salvador do Mundo, ontem, hoje e sempre! Ele sim, é o único Salvador, porque não é simplesmente um Profeta. É Deus. E só Deus pode salvar. Ele é o Único Salvador do Mundo, porque verdadeiramente «Homem». Por isso, n’Ele Deus tocou com a sua divindade este nosso mundo e este nosso corpo e, ao abraçá-los, os redimiu.

4. Nós não precisamos nem esperamos, por isso, outra Palavra, outro Messias, outro Salvador. É de testemunhas que o mundo precisa!... De testemunhas que «viram a Luz do Salvador» e a querem irradiar na escuridão deste silêncio acomodado... Não precisamos de gente iluminada, mas de gente feliz e audaz, destemida e inquieta, para sacudir do marasmo esta cidade, que acorda sempre tarde e a más horas, que fala de mais... mas não tem voz!

Que falta nos faz João Baptista. Ele sim... «Trazia consigo a antiga novidade, era vidente e certo, era profeta no deserto e tinha falas de água pura e de verdade»!

**Homilia no III Domingo do Advento B 1993**

**1. Entre a rua da melancolia...**

Por entre as ruas há luzes e música. Alguns olhares mais presos às montras do encanto deleitam-se no prazer e na ilusão de comprar. Sorrisos artificiais, promessas de felicidade, votos de festas felizes repetem-se até ao limite. O mercado organiza-se para vender a alegria. Aparentemente tudo conduz para aí. Movimento, boas palavras, promessas loucas, sorrisos artificiais. Mas um passeio atento pela Cidade faz-nos ver o outro lado da rua. A rua da melancolia, do desencanto, da amargura, do sonho desfeito... Quer-me parecer que há demasiado prazer sobre a Terra e muito pouca alegria. Tudo facilitado, sem dor, sem sacrifício, o prazer levado ao extremo no comer, no vestir, nos corpos vendidos, nas longas noites de dança e barulho. Mas de alegria, pouco ou nada. Daquela alegria que torna os olhos brilhantes e o rosto sereno, não se vê tanto assim, nem à força de muita luz, música e prazer...O Homem compra o prazer. Mas não atinge o gozo. Tem a sensação mas não encontra a plenitude. Chega à curtição, mas sem experimentar a alegria. Do prazer sobra a amargura. Falta a alegria. Disso é testemunho uma canção espanhola que diz assim: «**Vivo no número sete, rua da melancolia,/quero mudar-me há anos para o bairro da alegria / mas sempre que o tento, já saiu o tranvia,/E na escada me sento, a cantar minha melodia**».

**2.E o «bairro da alegria»...**

Espanta-me por isso o tom imperativo com que São Paulo nos apela: «**Vivei sempre na alegria»**! Não tanto pela alegria em si, que essa a gente vai tendo de vez em quando, mas espanto-me com a exigência de viver «sempre», «sempre» na alegria. Creio que São Paulo sabia muito bem da tristeza de Jesus ao aproximar-se da sua morte. Julgo que São Paulo experimentou a dor e o sofrimento e que até a Ele a morte lhe custava a engolir. A ser assim, o seu desafio é ousado e exigente. Porque não se trata então de uma alegria exterior, de uma alegria superficial, que dependesse da vitória ou da derrota, da sorte ou do azar, da morte ou da vida, da saúde ou da doença, da boa ou da má disposição, do sucesso ou do fracasso. Não. Para viver «sempre» na alegria, esta tem de ser fruto da ação de Deus em nós. *«Exulto de alegria por causa do Senhor, minha alma rejubila por causa do meu Deus».*

**3. Um lugar para Deus, em nossa companhia!**

É Deus a fonte da nossa alegria. É a sua presença em nós o motivo do nosso contentamento. Ele salvou-nos, Ele ama-nos, Ele cuida de cada um de nós, Ele abraça-nos. Íntimo a cada um de nós, sofre com as nossas dores, rejubila com as nossas alegrias. A alegria maior vem desta certeza: o Senhor fixa o seu olhar ternamente sobre cada um. Acolhe, redime e liberta. É esta experiência de Deus na nossa Vida que nos dá alegria, a alegria profunda de sermos salvos por Deus em Jesus Cristo. E esta alegria ninguém nos pode tirar, nem comprar nem vender. É graça e de graça! É essa alegria que encontramos na criança pobre sem jogos de computador, feliz na terra suja que teima remexer. É essa a alegria que se espelha nas pessoas simples que não sofrem desilusões porque nada os ilude. É essa alegria que se vê no rosto sereno e no corpo resplandecente de uma jovem que se «confessou», de uma ofensa que se perdoou, de uma vida que se mudou, de uma Luz que se acolheu. Para as festas que se aproximam, busquemos na rua da melancolia um lugar para a alegria. Talvez seja preciso calar outras vozes, procurar outra Luz. Haja alegria! Porque o Senhor aí está! Em nossa companhia!